



Aula de Literatura Brasileira VI

Prof. Jaime Ginzburg 24/9/2020



Estudos sobre Clarice Lispector

- “Clarice Lispector” de Benedito Nunes
- “Clarice Lispector” de Yudith Rosenbaum
- “Metamorfoses do mal” de Yudith Rosenbaum
- “O dorso do tigre” de Benedito Nunes
- “A ficção de Clarice”, org. Rita Terezinha Schmidt
- “Cadernos de Literatura Brasileira”, com Yudith Rosenbaum e outros

Para a aula de hoje

NUNES, Benedito. *Clarice Lispector*. São Paulo: Quiron, 1973.

ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

“Clarice Lispector” de Yudith Rosenbaum

Em "Feliz Aniversário", o foco recai sobre uma matriarca na comemoração de seus 89 anos. Os laços familiares continuam sendo o núcleo privilegiado da autora e agora são desvelados em toda a sua crueldade. D. Anita, a "mãe de todos", mora com a filha Zilda, que, "para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada a cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa". A personagem é tratada como um objeto quase animalesco (a presilha faz as vezes de coleira), sofrendo passivamente a ação do outro. A festa já se

“Clarice Lispector” de Yudith Rosenbaum

A cada cena em que são flagradas, as personagens parecem representar papéis num enorme teatro de marionetes, encenando um jogo de disfarces e dissimuladores. “— Oitenta e nove anos! ecoou Manoel que era sócio de José. E um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.” As frases soam falsas e artificiais. Na verdade, todo o discurso da família é visto por d. Anita como falso e hipócrita. Tal como o “bolo desabado” sobre a toalha manchada de Coca-Cola, a matriarca imóvel e muda constata a decadência de seu reinado. Seu julgamento é implacável: “Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? [...]. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos sem capacidade sequer para uma boa alegria [...]. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família”.

No comentário de Yudith Rosenbaum, destacar os elementos:

“falso” e “hipócrita”

“crueldade”

“A forma do conto” de Benedito Nunes

Vejam os primeiramente aquilo que diz respeito à história como tal³. Na maioria dos contos da autora, o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva. Como núcleo, isto é, como

“A forma do conto” de Benedito Nunes

~~... que os une e que os separa.~~

Como núcleo da história, a tensão conflitiva está diferentemente qualificada nos contos de Clarice Lispector: é transe nauseante (“Amor” e “Os Desastres de Sofia”, LE); acesso de cólera (“Feliz Aniversário”, LF); de ira (“O Jantar”, LF), de ódio (“O Búfalo”), de loucura (“Imitação da Rosa”, LF); de medo (“Preciosidade”, LF); de angústia (“A Mensagem”, LE) e de culpa (“O Crime do Professor de Matemática”, L). Momento privilegiado, cujo ápice dá algumas vezes o climax da narrativa, essa crise acha-se, via de regra, condicionada por uma situação de confronto, não só de pessoa a pessoa (“O Jantar”, “Amor”, “Laços de Família”, “Legião Estrangeira”), e não apenas entre pessoas (“Feliz Aniversário”),

Benedito Nunes

“tensão conflitiva”

Em “Feliz aniversário”: “acesso de cólera”

A festa

O ritual de uma festa: a celebração da vida

Concepções sagradas do “aniversário”

Articulação entre o significado do rito e o comportamento dos familiares

TEMPO (slide da aula anterior)

“Esses intervalos, desde que individualizados, isto é, datados, servem de base à *cronologia*, que é linear. Medida, duração e repetição - tais são os dados preliminares da compreensão comum, social e prática do tempo (...)” (p.17)

A ordem objetiva do tempo se fundamenta no “princípio de causalidade, isto é, na conexão entre causa e efeito, como sucessão regular dos eventos naturais” (p.19)

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

AZEVEDO, Thales. *Ciclo da vida. Ritos e ritmos*. São Paulo: Ática, 1987.

“Os aniversários são objeto de festividades que assinalam o passar dos anos (...) Alguns desses aniversários consagram a eclosão e a entrada na vida, as esperanças no futuro (...) A festa de aniversário é caracteristicamente um momento, espaço e ação de passagem (...)”
(p.33-34)

Especificidade do rito de aniversário

O rito de aniversário pode ser caracterizado como um processo de travessia de um estado da existência a outro.

Enquanto o rito se processa, é como se o sujeito vivesse dentro de uma indeterminação.

“De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos (...)”

“A morte era o seu mistério”

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. O limiar: entre a vida e a morte. In:___ . *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2014.

“Esses ritos de limiar designam rituais ligados a períodos de transformação. Ainda que sejam marginais com relação aos ritos mais longos, tais períodos são essenciais, porque permitem atravessar um limiar, deixar um território estável e penetrar num outro; são ligados à puberdade e também ao nascer e ao morrer (...)” p.39

“O mal-estar na cultura”, de Sigmund Freud

Freud propõe três fatores que impedem que os seres humanos sejam inteiramente felizes.

“O mal-estar na cultura”, de Sigmund Freud

NOSSA INVESTIGAÇÃO SOBRE a felicidade pouco nos ensinou até agora que já não seja do conhecimento geral. Mesmo que a levemos adiante ao perguntar por que é tão difícil para os seres humanos se tornarem felizes, a perspectiva de aprender algo novo não parece muito grande. Já demos a resposta ao indicarmos as três fontes donde provém nosso sofrimento: o poder superior da natureza, a fragilidade de nosso próprio corpo e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Quanto às duas primeiras, nosso juízo não pode hesitar por muito tempo; somos forçados a reconhecer essas fontes de sofrimento e a nos resignarmos com a sua inevitabilidade. Jamais dominaremos a natu-

“O mal-estar na cultura”, de Sigmund Freud

convenceu disso. Em relação à terceira fonte de sofrimento, a social, nos comportamos de outra maneira. De modo algum queremos admiti-la, não conseguimos entender por que as disposições que nós mesmos criamos não deveriam antes representar proteção e benefício para todos nós. Contudo, quando refletimos sobre o quanto fomos malsucedidos justamente na proteção contra essa parcela de sofrimento, desperta a suspeita de que também por trás disso poderia haver uma porção da natureza invencível – neste caso, nossa própria constituição psíquica.

“O mal-estar na cultura”, de Sigmund Freud

- as catástrofes da natureza
- a vulnerabilidade dos corpos
- as relações sociais inadequadas

Porto Alegre: L&PM, 2010. p.80.

“O mal-estar na cultura”, de Sigmund Freud

No conto “Feliz aniversário”, é possível observar:

- a vulnerabilidade dos corpos (o envelhecimento)
- as relações sociais inadequadas (as formas como os membros da família se relacionam uns com os outros)

O corpo da aniversariante

“A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha”

“Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre.”

“Feliz aniversário”

A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco.

— Parta o bolo, vovó! disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! Assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante. E, como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: parta o bolo, vovó!

E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

— Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

Vocabulário

“punho de assassina”

Função do emprego do termo “assassina”

dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devido com um bom homem a quem, obediente e independente, a respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos, lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelhando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

— Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela, passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. — Mamãe, que é isso! disse baixo, angustiada. A senhora nunca fez isso! acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo com a velha não passava agora de uma criança.

O foco narrativo: “ratos”, “comunistas”

Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.